

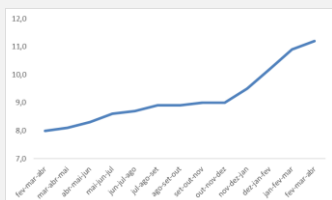
# Dashboard



## Desemprego

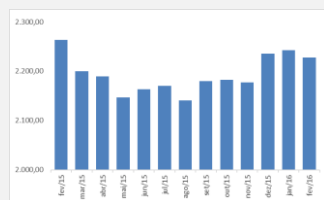
PNAD Contínua

Fev/Mar/Abr 2016 **11,2%**



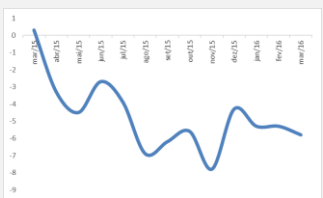
## Renda

Fevereiro R\$ 2.227,50



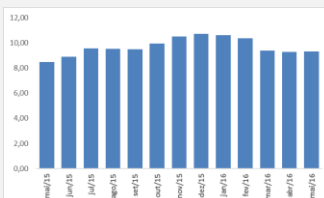
## Varejo (PMC)

Março (-) 5,8%



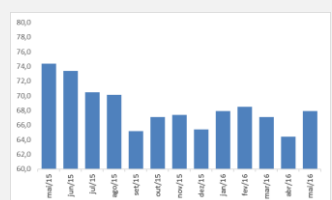
## Inflação

Maio 9,32%



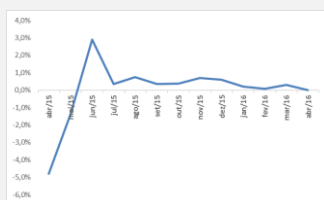
## Confiança do Consumidor

Maio 67,9



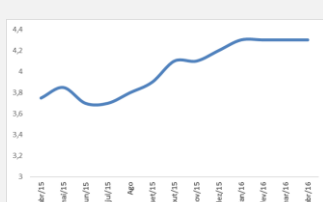
## Crédito Pessoa Física

Abril sobre Fevereiro 0,0%



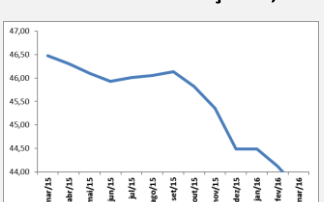
## Inadimplância

Abril 4,3%



## Endividamento das Famílias

Março 43,63%



# Ambiente Econômico

## A recuperação será gradual

Nos últimos anos, seja por uma lufada de ventos internacionais a favor no que se refere ao valor das commodities, seja por programas que acabaram consumindo mais recursos do que deveriam e ajudaram a conduzir a um impasse fiscal, a verdade é que o mercado interno foi ampliado fortemente, fazendo com que milhões de pessoas e de famílias tivessem acesso ao mercado de consumo.

Foram os anos de bonança para o varejo nacional em todos os segmentos, contando com a conjugação do crescimento da renda média, pleno emprego, da inflação controlada, o crédito farto e facilitado e um índice de confiança do consumidor invejável. Isto permitiu que as famílias ingressassem no mundo do consumo, construindo reformando e equipando suas casas, ampliando a cesta de alimentação, comprando mais vestuário e calçados, alcançando o sonho do carro e da motocicleta, alimentando seus animais de estimação, lendo mais, consumindo mais serviços, mais internet, mais telefonia, enfim assumindo gastos antes impensados se baseados na tamanho do bolso das famílias.

O que pode ser verificado entre o começo de 2015 e o começo de 2016 foi uma degradação violenta da capacidade de consumo das famílias brasileiras. Segundo estudo realizado pela ABEP – Associação Brasileira das Empresas de Pesquisa, a chamada nova classe média brasileira, formada pelos estratos chamados de classes B2 e C1, reduziu-se em quase 1 milhão de domicílios, mais precisamente 990 mil, enquanto que as classes mais pobres (C2, D e E) foram engrossadas em 920 mil famílias. Em resumo, o país empobreceu e retornou, em termos de estrutura sócio econômica, aos patamares de 2008, significando um impacto real e duro ao varejo que vê o seu faturamento reduzir-se drasticamente. O desempenho negativo da maiorias das operações listadas de varejo apenas reforça esta condição.

Como já dissemos em outras oportunidades por aqui, caso não tenhamos alguns choques de crescimento ao longo dos próximos anos, a recuperação virá, sem dúvida, mas será lenta e seus efeitos positivos talvez sejam sentidos apenas por volta de 2020. Termos assim, cerca de 4 anos para retomar o ritmo de crescimento consistente que precisamos ao redor de 5 ou 6% ao ano e com investimentos crescentes tanto por parte do governo como da iniciativa privada. Vale apenas lembrar que no meio deste período ainda temos uma eleição presidencial, cujos rumos são ainda totalmente impossíveis de serem precisados. Muito trabalho, paciência e a contínua busca de produtividade são as diretrizes para que o emprego retorne, a renda média volte a crescer, os juros sejam palatáveis e a confiança volte a se situar em patamares de 6 anos atrás.

## Destaque do Mês

### PIB ainda em queda

O Produto Interno Brasileiro apresentou queda de 0,3% no primeiro trimestre de 2016 em relação ao último trimestre de 2015.

Nenhum setor da economia apresentou variação positiva em relação ao final de 2015. Desde Agropecuária, passando pela indústria, serviços, investimentos e consumo das famílias todos os setores apresentaram queda, salvo o consumo do governo que apontou para um crescimento de 1,1%.

No que diz respeito ao varejo vale ressaltar a consistente queda do consumo das famílias que demonstrou ainda uma queda de 6,3% em relação ao mesmo trimestre de 2015 e um acumulado de 5,2% negativos nos último 4 trimestres. Se este números se mantivessem ao longo do ano de 2016, o consumo das famílias seria atirado ao mesmo nível de 2009, ou seja, apontando um encolhimento correspondente a 7 anos, no mínimo.

Outro dado importante e que reflete é o montante de investimento que é feito no país e representado, basicamente por equipamentos, máquinas e materiais de construção que servirão de base para produzir outros bens. No primeiro trimestre este índice ficou em 16,9% do PIB e para que se tenha uma ideia pode ser citada a taxa de investimento médio praticada na China ao longo dos últimos 10 anos que foi de 36,2%, ou seja, pouco maior do que o dobro da taxa brasileira atual. Estudos apontam que para um crescimento ao redor de 5%, o Brasil precisaria investir algo como 22% de seu PIB.

Nos últimos 10 anos a taxa média de investimento no Brasil foi de 20,4%. Importante ressaltar que nos anos de 2009, 2011 e 2012 chegamos a investir acima dos 22%.

As previsões do Boletim Focus do Banco Central indicam previsões de queda 3,7% no PIB neste ano, enquanto a inflação vai se situar ao redor de 7,1% e os juros em torno de 12,9%, apontando que o mercado ainda vê com restrições as proposições do governo em exercício.

## Acontece na Indústria

Em Abril a produção nacional teve pequeno crescimento de 0,1% frente a Março, porém se comparado ao mesmo mês do ano anterior, a queda foi de 7,2%. Estes números indicam que, apesar do sentido de queda, daqui para frente, salvo algum solução inesperado, as quedas tendem a ser menores.

Chama a atenção o comportamento positivo do setor alimentício que cresceu 4,6% em relação a Março.

Em relação às grandes categorias, os bens de capital cresceram 1,2% frente ao mês anterior, enquanto que os bens intermediários cresceram 0,5% e os bens de consumo caíram 0,9%.

## Acontece em Serviços

A queda do setor de serviços em Março deste ano em relação a Fevereiro foi bastante acentuada com índice de -5,9%.

Todos os segmentos de serviços performaram negativamente, sendo que os serviços de transporte e correios foram os que mais caíram, com índice de -7,2%, seguido pelos serviços administrativos com -6,7%, serviços de informação e comunicação com -5,9% e por fim os serviços prestados às famílias com queda de 3,8%.

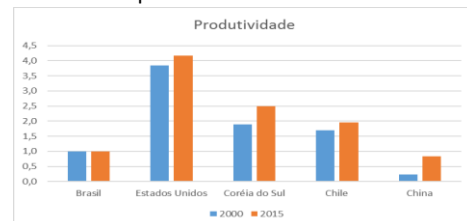
No ano a queda do setor de serviços é de 5,0% e nos últimos 12 meses de 4,4%. Estes números podem apontar para uma certa arrefecimento dos índices de queda para a frente.

## O que vem pela frente

Com crise política ou não, com crise econômica ou não, o país tem desafios básicos para os quais precisa buscar uma solução. Talvez o mais importante seja a educação. Há alguns anos atrás muito se discutiu sobre o apagão de talentos, mas seriam talentos ou seriam pessoas passíveis de contratação?

O último relatório da OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, mostrou o Brasil na 58ª colocação dentre 65 países quando o assunto é matemática, ficando atrás de Albânia e Costa Rica. Quando o assunto é interpretação de textos assumimos o honroso penúltimo lugar, atrás, por exemplo, do Haiti. Gastamos, em média, US\$ 26,7 mil por aluno entre 6 e 15 anos de idade, enquanto a OCDE recomenda US\$ 50 mil.

Por outro lado, quando consideramos a tão propalada questão da produtividade, verificamos que o trabalhador brasileiro ainda é muito pouco produtivo em comparação com outros países.



É verdade que ainda ganhamos da China, mas em 15 anos a melhora dos asiáticos foi de 300%, enquanto a nossa praticamente não se movimentou.

O que chamamos a atenção é que para que se possa atingir taxas de crescimento sustentável ao redor de 5% ou 6% é preciso que se determine agora um investimento significativo em educação, caso contrário não teremos condições de administrar com excelência as oportunidades que dependem fortemente de tecnologia, inovação e, principalmente, gestão efetiva.

Mesmo tendo assumido o discurso da “Pátria Educadora”, Dilma, também na educação, nada fez. Temer, por sua vez não parece estar rumando nesta direção.

Quem assumirá esta tarefa? As empresas vão esperar que o Estado o faça ou vão se contentar com a frágil formação de seus atuais e futuros profissionais?